

**MARIA NA LITURGIA
E NA PIEDADE POPULAR**

Direção editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de revisão
Tiago José Risi Leme

Capa
Marcelo Campanhã

Editoração, impressão e acabamento
PAULUS

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**



1ª edição, 2017

© PAULUS – 2017

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4616-2

PE. VALDIVINO GUIMARÃES, C.Ss.R. (org.)

**MARIA NA LITURGIA
E NA PIEDADE POPULAR**



SUMÁRIO



Agradecimento	6
Prefácio	7
Apresentação	11
MARIA NO CONTEXTO DA EVANGELIZAÇÃO DA IGREJA À LUZ DO VATICANO II	15
Irmã Lina Boff	
RESGATAR A HUMANIDADE DE MARIA COMO PROFETISA É COLOCAR AS GRANDES QUESTÕES DO FEMININO	31
Irmã Lina Boff	
A MÃE DO SENHOR NO ANO LITÚRGICO	59
Penha Carpanedo, pddm	
MARIA NOS TEXTOS EUCOLÓGICOS	71
Frei Alberto Beckhäuser, ofm	
EVANGELIZAÇÃO E APARECIDA: ATRAVESSAR DESERTOS, LANÇAR AS REDES EM ÁGUAS PROFUNDAS	87
Ir. Afonso Murad	
A DIMENSÃO CELEBRATIVA DA AVE-MARIA	113
Monsenhor João Alves Guedes	
A DIMENSÃO CELEBRATIVA DO ROSÁRIO MARIANO	117
Luís Felipe C. Marques, OFMConv.	
O <i>MAGNIFICAT</i> COMO PARADIGMA DE LITURGIA INTEGRAL	131
Pe. Valney Augusto Rodrigues – Pe. Antonio Marcos Depizzoli	
CANTOS MARIANOS: LITURGIA E DEVOÇÃO	147
Joaquim Fonseca, ofm	

LITURGIA DAS HORAS E OFÍCIO DIVINO: O LUGAR DE MARIA	155
Pe. José Humberto Motta	
NA SALA DAS PROMESSAS OU DOS MILAGRES EM APARECIDA: A EXPERIÊNCIA HUMANA DE SALVAÇÃO E GRATIDÃO	165
Frei José Ariovaldo da Silva, ofm	
SIGNIFICADO DA ROMARIA COMO ESPAÇO DE ÊXODO	187
Pe. Alexandre Awi, ISch	
CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA	205
Pe. Antonio Elcio de Souza	
O “NOVO LEZIONÁRIO MARIANO”. A BÍBLIA, FONTE PERENE DA MARIOLOGIA LITÚRGICA	217
Prof. Dr. Dom Rafael Maria Francisco da Silva, osb	
O LUGAR DE MARIA NO ESPAÇO CELEBRATIVO	233
Cláudio Pastro	

AGRADECIMENTO



Nossa missão junto à Academia Marial de Aparecida só se torna profícua graças à intercessão da Virgem Maria e ao trabalho árduo de tantos que caminham conosco.

Não teríamos conseguido colocar esta obra em vossas mãos caso não tivéssemos contado com trabalho acurado dos autores dos textos contidos nela.

Gratidão é um sentimento que não nos pode faltar. Sem distinção, agradecemos a todos os que contribuíram para este trabalho.

Nossa gratidão especial a dois autores que, antes da impressão deste livro, partiram para junto de Deus: Frei Alberto Beckäuser, ofm, e Cláudio Pastro, que dedicaram suas vidas ao serviço da Liturgia da Igreja no Brasil.

PREFÁCIO



Congratulo-me com a Academia Marial de Aparecida por presentear-nos com mais um livro sobre Maria, Mãe de Deus e nossa. O tema central da obra é: *Maria na Liturgia e na piedade popular*. Eis um tema tão necessário para a vida e a pastoral da Igreja no Brasil. Esta feliz e sábia iniciativa merece nossas congratulações e nosso agradecimento. Precisamos aprofundar nossos conhecimentos marianos, litúrgicos e devocionais. O livro veio em boa hora.

Acolhamos, leiamos e divulguemos esta obra teológica, em que competentes teólogos e pastoralistas nos ajudam a conhecer e amar, cada vez mais, Maria, Mãe de Deus, Mãe da Igreja, nossa Mãe.

O livro faz parte das comemorações dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida nas águas do rio Paraíba e do Ano Mariano Nacional. Sobre Maria na Liturgia, o Concílio Vaticano II ofereceu uma profunda reflexão na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

Por outro lado, fomos agraciados pelo Papa Paulo VI com a Exortação Apostólica *Marialis Cultus* (o Culto à Virgem Maria), de 1975. Outro tesouro a respeito de Maria na Liturgia é a coletânea de Missas de Nossa Senhora e o respectivo Lecionário. Rezar como Maria é uma tarefa urgente em nossos dias.

Celebrando o ciclo anual dos mistérios de Cristo, mistérios da salvação, a Igreja venera, com especial amor, Santa Maria, Mãe de Deus, que está unida com vínculo indissolúvel à obra salvadora de seu Filho. Claros testemunhos de piedade para com a Mãe do Senhor se encontram no Missal Romano, no livro da Liturgia das Horas, em outros livros litúrgicos e nas Orações Eucarísticas.

A Igreja celebra os fatos da salvação, nos quais Maria, pelo desígnio salvífico de Deus, participou em vista do mistério de Cristo. Na sagrada Liturgia, os fiéis são convidados à imitação da Santíssima Virgem, por causa da fé e da obediência com que aderiu amorosamente ao plano da salvação. O exemplo de Maria brilha na ação litúrgica e impele o povo de Deus a conformar-se à Mãe, para mais plenamente se conformar ao Filho.



Quanto à religiosidade popular, os Documentos de Aparecida e da CNBB, como também a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, constituem, por si só, um manancial de espiritualidade, de teologia e de práticas pastorais, sobre a devoção mariana. A Mensagem dos Bispos do Brasil, comemorando a celebração do Ano Mariano, privilegiou e enfocou a religiosidade popular. Tomo a liberdade de transcrever, na íntegra, a referida Mensagem:

“*Eis aí tua mãe*” (Jo 19,27)

Daqui de Aparecida, junto ao Santuário Nacional, nós, Bispos do Brasil, reunidos na 55ª Assembleia Geral da CNBB, saudamos a todos com as palavras do Anjo a Maria: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo” (Lc 1,28). Alegremo-nos, pois o Senhor fez conosco maravilhas! Estamos celebrando os 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida nas águas do rio Paraíba do Sul. “Aparecida é o lugar onde pulsa o coração católico do Brasil” (São João Paulo II, na dedicação do Santuário Nacional, 1980). Comemoramos, também, os 100 anos da aparição de Nossa Senhora em Fátima, os 10 anos da canonização do primeiro santo nascido no Brasil, Frei Galvão, e os 10 anos da Conferência e do Documento de Aparecida. “Deus benigníssimo, sapientíssimo, misericordiosíssimo, para redimir o mundo, pensou em Maria” (LG 52).

O Ano Mariano Nacional e a visita da imagem de Nossa Senhora Aparecida às nossas dioceses estão produzindo frutos. Em nossas comunidades, acontece uma jubilosa manifestação da fé, um florescimento da esperança e um revigoramento da caridade. Maria nos aproxima de Jesus e da Igreja, reúne a nós, seus filhos e filhas, fomentando entre nós a irmandade, a comunhão e a solidariedade. Por ocasião deste Ano Jubilar, agradecemos a Deus o testemunho de fé de todos os romeiros e devotos de Nossa Senhora Aparecida, bem como a presença, o trabalho e a missão dos Missionários Redentoristas, desde 1894, no Santuário Nacional, casa da Mãe e de cada brasileiro.

A piedade mariana tem caracterizado o catolicismo brasileiro, desde as origens da nossa história. Trata-se de um precioso tesouro, uma força evangelizadora, um testemunho de fé inculturada: “Se alguém quiser saber quem é Maria, vá aos teólogos. Se quiser saber como amar Maria, vá ao povo” (Papa Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 25/3/2013). O Santo Padre valoriza e promove a piedade popular com um profundo e afetuoso testemunho



de devoção mariana. Quantos de nós fomos evangelizados pela piedade mariana de nossas mães e pais, catequistas, lideranças de nossas comunidades, consagrados e consagradas, presbíteros e bispos.

Para muitas pessoas e famílias, a devoção mariana facilita o relacionamento pessoal e filial com a Mãe de Deus, ajuda a sentir sua ternura, misericórdia, proteção e intercessão. Maria desperta a vocação missionária do seguimento de Jesus. Assim, são atraídos para Deus, filhos, parentes, amigos, vizinhos, como também os afastados, os que de boa vontade procuram a Deus, os incrédulos e a própria sociedade: “A piedade mariana é um vínculo resistente de manter fiéis à Igreja setores que carecem de atenção pastoral adequada” (*Documento de Puebla*, 284). A piedade popular é um caminho importante de evangelização, mantendo-se fiel à Palavra de Deus, à comunidade eclesial e à tradição da fé católica. Para isso, podem contribuir muito teólogos, presbíteros, religiosos(as), líderes de movimentos eclesiais, de modo especial os dos movimentos marianos, coordenadores de comunidades e pastorais...

Em Maria, Mãe e modelo da Igreja, os cristãos leigos e leigas se alegram por compreender o que são para Deus, o que Deus realiza neles e como são chamados a fazer de sua vida um serviço aos irmãos e irmãs. Ela é a melhor e mais perfeita discípula da Palavra e nos diz: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Maria nos estimula a escutar, assimilar, pensar, falar e agir conforme as Sagradas Escrituras. Assim, podemos dizer: “Faça-se em mim, segundo a tua Palavra” (Lc 1,38), e percorrer o caminho da serva do Senhor.

Ao escolher Maria, Deus dignifica e engrandece a mulher. É necessário ampliar os espaços para uma efetiva presença feminina na Igreja, na sociedade e em todos os lugares onde se tomam decisões importantes para a defesa e a promoção da vida. Maria, nossa Mãe, dá à luz a nova humanidade, um novo mundo. Um coração materno suscita um espírito fraterno e acolhedor.

No Cântico *Magnificat* de Maria encontramos inspiração e coragem para reavivar as obras de misericórdia, a centralidade das bem-aventuranças, a dimensão social e profética do Evangelho. Nessa oração, Maria nos ensina a olhar com olhos misericordiosos os aflitos, os oprimidos, os pobres, os humildes, os pecadores e os desorientados, comprometendo-nos com eles. A autêntica devoção mariana leva a romper as correntes da escravidão, de ontem e de hoje. Consola-nos ver que Maria, serva de Deus, assume a fisionomia do povo a quem ela se manifesta: “Mulher forte, Maria conheceu a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio” (Paulo VI, *Marialis Cultus*, 37). Chora nossas lágrimas e participa de nossas alegrias. O coração do povo de



Deus exulta de gratidão pelas bênçãos e prodígios recebidos de Deus através da intercessão da Mãe de Deus e nossa.

A piedade mariana nos motiva a rezar o terço, especialmente em família; a visitar as casas, hospitais, presídios e periferias; a interceder pelos enfermos, pecadores, aflitos e por todos; a viver com alegria o cotidiano, a exemplo de Maria de Nazaré. Ela é saúde dos enfermos, refúgio dos pecadores, consoladora dos aflitos, auxílio dos cristãos: “Se as tentações, as tribulações, as ondas de orgulho, os desejos desordenados, o abismo da tristeza e o medo da condenação te abaterem, olha para a estrela e invoca Maria” (São Bernardo, *Homília em louvor à Virgem Maria*).

Motivados pela graça do Ano Mariano, lancemos as redes em águas mais profundas, como discípulos missionários. Assim, haverá peixe em abundância, famílias recuperadas, saúde alcançada, corações reconciliados, vida cristã reassumida. Maria mantém viva a nossa esperança: “Em Aparecida, Deus deu a cada brasileiro sua própria mãe. Deu-nos uma lição sobre si mesmo, sobre a Igreja e sobre a humildade. Não podemos esquecer nem desaprender essa lição” (Papa Francisco aos Bispos do Brasil, Rio de Janeiro, julho de 2013).

“Nossa Senhora Aparecida, cuja imagem foi encontrada há 300 anos, ajudai a deixar-nos encontrar por vosso Filho Jesus, Água Viva. Voltei vosso olhar e estendi o vosso manto sobre cada um de nós, nossas famílias e nossa Pátria. Sim, *Mãe querida*, cuidai, protegei, intercedei em favor de todos. Ó mãe clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria, Rainha e Padroeira do Brasil, rogai por nós e mostrai-nos sempre Jesus.”

Aparecida, maio de 2017.

Dom Orlando Brandes
Arcebispo de Aparecida
Presidente da Academia Marial de Aparecida



APRESENTAÇÃO



No começo da Carta aos Efésios, o apóstolo Paulo destacou que Deus nos escolheu desde toda a eternidade, “para sermos santos e íntegros diante dele no amor” (Ef 1,4). O mundo não existia, mas nós já existíamos no coração do Criador. Assim como cada um de nós, a Mãe de Jesus podia proclamar: Ele me predestinou à adoção como filha, “por obra de Jesus Cristo, para o louvor de sua graça gloriosa” (Ef 1,5-6).

Na história do mundo e da Igreja, Maria apareceu por ocasião da encarnação do Verbo: “O anjo Gabriel foi enviado por Deus... a uma virgem...[que] se chamava Maria” (Lc 1,26-27). Já na Anunciação, foi-lhe dado o primeiro elogio – aliás, o mais importante que recebeu, por vir da parte de Deus: Tu és “cheia de graça”; estás repleta dos favores divinos (Lc 1,28).

A primeira saudação que a Mãe de Jesus ouviu da parte de uma criatura partiu do coração de Isabel: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre” (Lc 1,42). Não sabemos se, além dela, alguém ouviu essa saudação de Isabel.

O primeiro elogio público a Maria foi feito por uma mulher, da qual nada sabemos, nem mesmo o nome. Escreveu Lucas: “Enquanto Jesus assim falava, uma mulher levantou a voz no meio da multidão e lhe disse: ‘Feliz o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram!’” (Lc 11,27). Aquela mulher devia estar profundamente emocionada por conhecer Jesus. Somente uma mulher, ao aclamá-lo, pensaria em sua mãe e manifestaria admiração pelo ventre que o havia gerado e pelos seios que o haviam amamentado. Sem saber, a desconhecida deu origem ao que a Igreja chamaria, um dia, de piedade popular ou religiosidade popular mariana – uma religiosidade que atravessaria os séculos.

Na História da Salvação, a Liturgia ocupa um lugar de destaque, pois é principalmente por meio dela que “se exerce a obra de nossa redenção” (Concílio Vaticano II, *Sacrosanctum Concilium* - SC, 2). Mas “a vida espiritual não se restringe unicamente à participação na sagrada Liturgia” (*id.*, 12). O Espírito Santo encontra-se também na origem das manifestações religiosas do povo de Deus.



Piedade popular ou religiosidade popular é a maneira pela qual o cristianismo se encarna nas diversas culturas e se manifesta na vida do povo. Trata-se de diferentes manifestações culturais, de caráter privado ou comunitário, que, no âmbito da fé cristã, se exprimem não com os elementos da sagrada Liturgia, mas através de formas peculiares, que nascem do jeito do povo, de sua etnia ou de sua cultura (cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Diretório sobre piedade popular e Liturgia*, 9). Naturalmente, as expressões dessa piedade devem submeter-se às leis gerais do culto cristão e à autoridade da Igreja (SC, 13).

As manifestações da piedade popular referentes à Virgem Maria nasceram da fé e do amor do povo para com Jesus Cristo e da percepção da missão que Deus confiou a Maria Santíssima, em vista da qual ela não é somente a Mãe do Senhor, mas também a Mãe de todos os homens e mulheres. Maria ocupa um lugar privilegiado no mistério de Cristo e da Igreja, pois “ela está sempre presente na alma de nossos fiéis e impregna as profundezas do seu ser, assim como neles desperta externamente muitas expressões e manifestações religiosas” (Bem-aventurado Papa Paulo VI, Discurso aos Reitores de Santuários da Itália, 24/11/1976). De fato, “no âmbito da religiosidade popular, os fiéis compreendem facilmente a ligação vital entre o Filho e a Mãe. Sabem que o Filho é Deus e que ela, a Mãe, é Mãe também deles. Intuem a santidade imaculada da Virgem e, ainda que a venerando como Rainha gloriosa no céu, mesmo assim estão convictos de que ela, cheia de misericórdia, intercede em seu favor. Por isso, imploram com confiança seu auxílio. Os mais pobres a sentem particularmente próxima de si. Sabem que ela foi pobre como eles, que sofreu muito, que foi paciente e humilde. Têm compaixão de sua dor na crucifixão e morte do Filho e alegam-se com ela pela ressurreição de Jesus. Celebram com alegria suas festas, participam com entusiasmo de suas procissões, vão em peregrinação a seus santuários, gostam de cantar em sua honra e fazem-lhe ofertas. Não admitem que alguém a ofenda e instintivamente desconfiam de quem não a honra” (Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Orientações e propostas para a celebração do Ano Mariano*, 03/04/1987, n. 67).

Se o tema da piedade popular é importante para quem quer conhecer o lugar de Maria na vida de um povo, mais o é para nós, latino-americanos. Afinal, como lembra o Documento de Aparecida: “A piedade popular penetra delicadamente a existência pessoal de cada fiel e, ainda que se viva em uma multidão, não é uma ““espiritualidade de massas””. Nos diferentes momentos da luta cotidiana, muitos recorrem a algum pequeno sinal do amor de Deus: um crucifixo, um Rosário, uma vela que se acende para acompanhar um filho em sua enfermidade, um Pai-Nosso recitado entre lágrimas,



um olhar entranhável a uma imagem querida de Maria, um sorriso dirigido ao céu em meio a uma alegria singela” (DAp, 261).

O X Congresso Mariológico, realizado em Aparecida - SP, de 2 a 5 de junho de 2016, promovido pela Academia Marial de Aparecida, ajudou-nos a conhecer melhor “Maria na Liturgia e na piedade popular”. Desse Congresso nasceu este livro – um verdadeiro trabalho em mutirão, pois contém as palestras que nele foram proferidas. Tenho certeza de que, tendo uma visão histórica dessa religiosidade, conhecendo melhor a relação entre a Liturgia e a piedade popular mariana, aprofundando-nos nas principais expressões dessa religiosidade e, analisando os desafios que ela enfrenta, teremos melhores condições de nos voltar para Jesus Cristo e de proclamar, com alegria idêntica à da mulher anônima: “Feliz o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram!” (Lc 11,27).

Dom Murilo S. R. Krieger, scj
Arcebispo de São Salvador da Bahia e Primaz do Brasil
Vice-Presidente da CNBB

